

Vacas secas exigem

Este assunto não é novo, mas infelizmente a maioria das fazendas negligencia o manejo das vacas no período seco, e isso pode custar caro para o produtor de leite

Alexandre M. Pedroso
SÃO CARLOS / SP

Muitas vezes destinam-se às vacas secas os piores alimentos volumosos, os piores piquetes e as piores condições de conforto. Há quem pense: “Mas, afinal de contas, se a vaca seca só dá despesa, não gera um centavo de receita para a fazenda, por que devo me preocupar tanto com ela?”.

Toda vaca leiteira precisa de um período de descanso entre duas lactações consecutivas, em que é mantida seca, ou seja, sem ser ordenhada, para renovar o tecido secretor da glândula mamária e também para se preparar adequadamente para o parto. Muitas alterações fisiológicas ocorrem com o animal nesse período e, portanto, precisa de atenção e de um manejo especial, para que possa ter um bom desempenho produtivo na lactação seguinte e boa eficiência reprodutiva.

Tratamento adequado

Se a vaca não for tratada adequadamente no período seco, ela certamente terá o seu desempenho comprometido na lactação seguinte. O animal produzirá menos leite e poderá demorar mais para engravidar novamente depois do parto. O descaso com o manejo das vacas secas também pode aumentar a incidência de problemas no parto e de dis-

túrbios metabólicos pós-parto, sem falar na maior incidência de mastite.

O manejo correto da vaca seca começa no momento da secagem. Logo após a última ordenha, que deve esgotar completamente os quatro quartos do úbere, é necessário que seja aplicado um antibiótico intramamário, específico para o período seco. Cada quarto funcional deve receber uma dose. Isso é fundamental para prevenir a ocorrência de mastite na vaca seca, que geralmente é desastrosa no início da lactação. Se o animal não receber o tratamento correto no momento da secagem, em torno de 12% a 15% dos quartos mamários serão infectados, e as consequências disso podem ser muito sérias no início da lactação seguinte.

Redução alimentar

Se o animal ainda estiver produzindo bastante leite nos dias que antecedem a secagem, pode ser interessante reduzir a oferta de alimentos para inibir um pouco a produção de leite. Para vacas mantidas em pastagens, é possível reduzir ou eliminar o concentrado, mas para as alimentadas com ração completa, em grupo, isso é mais difícil. De toda forma essa não é uma prática indispensável, o importante é esgotar completamente o úbere e aplicar o antibiótico intramamário.

No início do período seco o animal não inspira tantos cuidados, mas precisa de conforto e alimentação adequados. No caso de rebanhos a pasto, um piquete com boa oferta de forragem, áreas de sombra limpas e

Para vacas mantidas em pastagens, é possível reduzir ou eliminar o concentrado

FOTO: ALEXANDRE PEDROSO



cuidados especiais

secas, onde as vacas possam deitar confortavelmente, e bebedouros limpos e com água fresca e abundante. No caso de gado confinado, o necessário é um local limpo e seco, bem ventilado, onde os animais possam ficar confortáveis. É muito importante que as vacas tenham espaço para se exercitar, pois isso ajuda a manter o tônus muscular, deixando-as em boas condições para o parto. Dessa forma, um piquete de terra ou grama anexo ao galpão é recomendável.

Volúmosos de qualidade

Com relação à alimentação nessa fase, o mais importante é oferecer volúmosos de alta qualidade. Para o animal em lactação, as exigências, no início do período seco, são bem menores, mas isso não permite descuidos. É preciso cuidar para não haver engorda nesse período, pois vacas muito gordas normalmente têm mais problemas no momento do parto. Ao trabalhar com volúmosos de alta qualidade, reduzem-se a necessidade de

concentrados e, conseqüentemente, o custo de alimentação desses animais.

Além da formulação da dieta e da qualidade dos alimentos, é preciso evitar a competição por comida, no piquete ou no cocho. Um dos aspectos fundamentais do conforto para as vacas é o espaço no cocho de alimentação, não só para animais criados em sistemas de confinamento total, mas também quando precisamos suplementá-los no inverno. E inclusive para as vacas sob pastejo que recebem concentrado em galpões, nos quais geralmente o cocho é coletivo. O espaço disponível afeta o nível de competição no cocho, que, por sua vez, interfere significativamente no consumo de alimentos. Existe um consenso geral de que algo em torno de 60 centímetros de espaço linear no cocho é o suficiente para cada vaca comer sossegada, sem estresse.

Período de transição

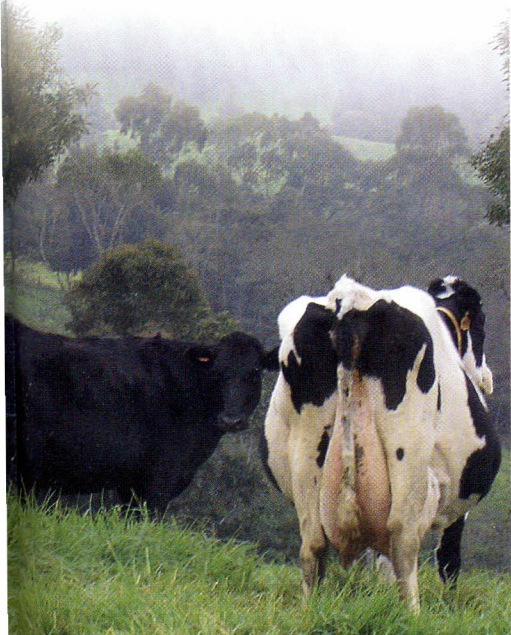
À medida que o parto se aproxima, as mudanças fisiológicas na vaca vão se acentuando, o que demanda um cuidado mais intenso nessa fase. A partir do parto inicia-se uma nova lactação e a vaca passa abruptamente de um estado gestante e não lactante para uma situação inversa, em que não carrega mais um bezerro, mas produz quantidades elevadas de leite. O período compreendido entre três semanas antes e três semanas depois do parto é chamado de *período de transição*, e demanda uma série de cuidados adicionais para manejar corretamente os animais.

Com a proximidade do parto, a vaca passa a sofrer uma série de alterações hormonais, com o objetivo de prepará-la para o nascimento do bezerro. Em paralelo, também ocorre uma redução no consumo de alimentos, que é o problema mais crítico das vacas nessa fase e um dos aspectos mais importantes do manejo de animais em transição.

Balanco energético

Essa queda no consumo, associada ao aumento nas exigências energéticas para atender à demanda do feto e, posteriormente, da síntese de colostro que se inicia nos dias que antecedem o parto, impõe às vacas uma condição de balanço energético negativo (BEN), ou seja, o animal não consegue ingerir toda a energia de que precisa para atender a suas necessidades. Essa condição permanece no início da lactação, o que complica bastante o manejo das vacas nesse período.

Acredita-se que essa queda no consumo tenha relação direta com as alterações hormonais que ocorrem nessa fase e também com o próprio crescimento do feto, que passa a ocupar mais espaço na cavidade abdominal, comprimindo o aparelho digestivo. Além do aumento no tamanho do feto, nos dias que antecedem o parto, a vaca começa a produzir colostro, o que determina uma demanda elevada por glicose, aminoácidos e outros nutrientes. O grande problema é que esse aumento na demanda não é compensado por um aumento no consumo de alimentos, muito pelo contrário.



Reserva de gordura

A alternativa mais fácil é mobilizar a gordura armazenada no tecido adiposo, pois dessa forma os lipídios podem ser transformados em energia, aten-

Para ter uma transição tranquila para uma nova lactação, é preciso estar atento aos cinco pontos-chave do manejo de vacas secas:

1

Tratar os quatro quartos do úbere com antibiótico específico na secagem. Isso é fundamental para prevenir a ocorrência de mastite.

2

Oferecer conforto às vacas. Elas precisam de sombra e água fresca.

3

Minimizar a queda no consumo de matéria seca pré-parto. Para isso é fundamental oferecer volumosos de alta qualidade e formular corretamente as dietas.

4

Monitorar de perto o ECC. O ideal é que as vacas cheguem ao parto com ECC próximo de 3,5. Vacas muito magras ou muito gordas têm mais chances de ter problemas no parto e no início da lactação.

5

Aumentar a densidade energética das dietas dos animais em transição. Isso ajuda a compensar a queda no consumo e a adaptar as vacas às dietas do início da lactação.

dendo às exigências nutricionais. Com isso, a vaca perde peso no início da lactação, até que o consumo de alimentos consiga atingir níveis adequados para atender à demanda energética. Dessa forma, é preciso garantir que o animal chegue ao período de transição com uma boa quantidade de reservas gordurosas, pois vai precisar muito delas. Ou seja, vacas muito magras podem ter sérios problemas no parto e no início da lactação, por falta de gordura para transformar em energia.

Por outro lado, animais gordos também podem ter complicações no parto, pois o excesso de tecido adiposo acumulado inibe ainda mais o consumo, e a vaca tem de mobilizar muita gordura para atender às exigências e pode sofrer alguns distúrbios metabólicos, como a cetose. Para monitorar a quantidade de reservas corporais, é imprescindível avaliar periodicamente o escore de condição corporal (ECC), sendo que o ideal é que no parto este se apresente em torno de 3,5 (escala de 1 a 5). Também recomenda-se que os animais já cheguem na secagem com o ECC adequado para o parto. Não deve haver variação nesse parâmetro durante o período seco.

A redução de consumo pré-parto e os problemas associados a ela também podem resultar no aumento da incidência de outros distúrbios metabólicos, como deslocamento de abomaso (DA) e febre do leite, que podem custar muito caro para o produtor. O DA pode responder por uma perda de até 16% de leite nos primeiros 30 dias de lactação.

Solução

A chave é minimizar a queda no consumo pré-parto. Uma das estratégias mais utilizadas é aumentar a densidade energética das dietas, passando para 64% a 70% de nutrientes digestíveis totais (NDT). Dessa forma, mesmo com o consumo menor, a vaca pode ingerir quantidades maiores de energia. Para isso, pode-se aumentar a oferta de concentrado, mas também é fundamental trabalhar com volumosos de alta qualidade para os animais em transição. Quanto melhor a forragem, mais a vaca consegue ingerir e menor a necessidade de concentrado. Nessa fase, recomenda-se manter os níveis de proteína bruta (PB) da ração em 14% e de fibra em detergente neutro (FDN) entre 43% e 45%, o que só se consegue com volumosos muito bons.


O aumento na concentração energética das dietas nesse período também proporciona uma melhor adaptação das vacas às dietas do início da lactação, que normalmente são mais ricas em concentrado. Quanto menor for a queda no consumo pré-parto, mais rápida será a recuperação do consumo pós-parto e menos pronunciados serão os efeitos do BEN, o que é importante para reduzir a ocorrência de distúrbios metabólicos. Dessa forma, os animais podem produzir mais e ter melhores índices reprodutivos. 

FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Alexandre Pedroso
é engenheiro agrônomo e pesquisador
da Embrapa Pecuária Sudeste
ampedroso@uol.com.br

